

Géneros argumentativos — Resumo

11.º Ano Português 2 páginas

Os três géneros argumentativos

Género	Função	Estrutura	Marcas típicas
Discurso político	Mobilizar um auditório presente	Chamada inicial → tese → argumentos (com contra-argumento refutado) → peroração com chamada à ação	1.ª pessoa do plural, presente do indicativo, imperativo final, marcadores (contudo, ora), parágrafos curtos
Artigo de opinião	Convencer um leitor ausente	Lead (tema) → desenvolvimento (argumentos + exemplos + refutação) → fecho com posição reafirmada	Assinatura, título chamativo, conectores (porque, aliás, pois, mas), 1.ª pessoa, registo formal
Apreciação crítica	Julgar fundamentadamente uma obra ou evento	Apresentação da obra → descrição breve → análise (pontos fortes/fracos) → juízo final	«considero que», «destaca-se», exemplificação, foco no que se analisa, sem spoilers

Reconhecer de relance

Tem auditório ouvi-lo? → discurso (oral, situação enunciativa presente). É assinado num meio e defende uma ideia? → artigo de opinião (escrito, público ausente). Avalia algo que se viu, leu ou assistiu? → apreciação crítica (há objeto de juízo, não só tese política).

Todos partilham o mesmo esqueleto: abertura que apresenta o assunto → corpo argumentativo (razões + provas + refutação da objeção) → fecho que reafirma a posição. A mudança é a situação de comunicação: quem fala, para quem, onde e porquê.

Anatomia do argumento

Tese + razão + prova = argumento sólido. A tese é a posição («deve haver mais bibliotecas»); a razão explica porquê («porque 70% dos alunos não têm onde estudar»); a prova sustenta a razão (número, facto, exemplo, testemunho ou citação de autoridade).

Apelos da persuasão: ethos — credibilidade de quem fala · logos — números, lógica e exemplos · pathos — emoção no auditório. Um discurso eficaz combina os três; sem logos, os outros dois são vazios.

Falácias a detetar: ataque pessoal (ad hominem) · apelo à maioria («todos pensam assim») · falso dilema («ou isto ou aquilo») · apelo à autoridade indevida · circularidade («é certo porque é certo»).

Erros típicos (e a correção)

Erro 1 — Confundir o discurso com texto impessoal. Um discurso tem locutor e auditório: sublinha as marcas de pessoa e o chamamento direto («cidadãos», «nós»).

Correção: identificar sempre quem fala e a quem.

Erro 2 — Argumento sem prova («é preciso, porque porque sim»). Correção: acrescentar número, facto, exemplo ou testemunho a cada razão.

Erro 3 — Responder atacando a pessoa («quem diz isso nunca...»). Correção: rebater a ideia, não o locutor: reconhecer a objeção e redirecionar com prova (estratégia do «contudo»).

Erro 4 — Esquecer o destinatário. Um juízo de valor sem fundamento («o filme é mau») não é apreciação crítica. Correção: juízo + razão + prova («o ritmo abranda no 2.º ato, o que faz cair a tensão construída na abertura»).

Checklist de análise (leitura e escrita)

☐ Qual é o tema e qual é a tese? · ☐ Que provas sustentam cada razão? · ☐ Há contra-argumento? Como é refutado? · ☐ Que conectores articulam as partes? · ☐ Que apelo predomina (ethos, logos, pathos)? · ☐ O registo é adequado à situação de comunicação? · ☐ Há falácias ou generalizações abusivas?

Ligação entre os domínios

Oralidade: o mesmo argumento escrito prepara-se para debate (abertura → desenvolvimento → fecho; réplica com prova). **Escrita:** a tese do artigo é o ponto de partida da planificação. **Leitura:** analisar é desmontar tese-razão-prova de qualquer texto destes géneros.

Ver também

Fichas: leitura de discurso político · leitura de artigo de opinião · debate e avaliação de argumentos.